



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

## REGISTO BIBLIOGRÁFICO

Do ilustre médico e professor Dr. *Cláudio Basto*, de Viana do Castelo, honram as modestas estantes de nossa leitura: a boa revista de investigações regionais, sciências e letras — *Lusa* —, muito curiosa, instrutiva, superiormente dirigida (também pelo nosso distintíssimo colaborador Sr. Dr. *Pedro Vitorino*), excelentemente colaborada — ; quem resiste ao perturbador encanto das páginas coloridas e sentimentais, de uma estranha emoção, de *Venceslau de Moraes*? —, e cujo exemplo, se frutificasse em cada uma das cidades-mores de nossas províncias, daria o mais precioso volume de recôlha de estudos populares e desvenenaria quicá da fedoreira do pimpampunismo sectarioso em que se esmocam as duas fôlhas dos dois partidos em tôda a boa terreola; *Ironia galante* (com ilustrações de correcto desenho e graça natural de *Couto Viana*), «críticas macias» onde, num estilo já próprio, de puro toque português, o autor conjuga um certo refinamento de sensibilidade com dolorido, reflexionador, alto espírito de observação e corrigenda; dois trabalhos de *Medicina Popular*: — «Bexigas» —, — «Quebradura» —, separatas do *Portugal Médico*, achêgas cuidadosamente versadas e minuciosamente vistas, e que tanto interessam ao sábio como ao etnógrafo; *Nome das «agulhas» sécas*, separata da *Revista Lusitana*, onde se anotam, com indicações precisas, os diversos nomes da caruma, ou das fôlhas dos pinheiros, esguias em punhal, dum pálido cerôso, afiadas e cortantes; *Nótulas ao «Novo Dicionário»* (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> série), «coleção de vocábulos e de significações não registadas ainda naquela obra»: o Dicionário de Cândido de

Figueiredo, 2.<sup>a</sup> edição; *No seio da Virgem-Mãe*, considerações sôbre a história de uma formosa quadra popular, a que já fiz leve referência nesta *Revista*.

E conheço, de haver lido — creio que na *Sociedade de Martins Sarmiento* —, a sua dissertação à Escola Médica — *Alma Doente* —, em que nos atrai a vibração equilibrada com que compõe um estudo de psicologia literária («a génese da psicastenía»).

Não sendo esta a lista completa das publicações do autor, e, sempre, cada uma delas, marcada pelo ensinamento, pelo cuidado, pela probidade literária, ou elevando-se numa sentida comunhão de arte, facilmente acordaremos que nos descobrimos ao passar de alguém, recolhido e modesto, que, neste confortável, puro, lavado e são, mas duro e ingrato, anonimato da vida de província, vem dedicando suas cansadas vigílias, sem licença como sem o estímulo das côrtes de Lisboa e Pôrto, muito ciúmeiras de suas glórias exclusivistas — e ai delas! que tantas vezes se esbarrondam por estas fragas —, à sciência e à arte, mantendo o prestígio das letras portuguesas.

Aqui tenho, neste pequeno volume — *Flores do frio* —, a confirmação de um talento de prosador bem-fadado. As palavras são alumiadas de côr e saem, porque muito vivas na expressão e propriedade, cheias de matinal frescura ou descaídas no amarelido de tristeza dos arrepios de outono. O escritor concentra fortemente a sua alma num pensamento que poderia ter apenas e de surpresa como relampagueado na meia treva da distracção, mas que, insidiosamente, o enliana e prende e o domina por fim com absorviência quasi mórbida. Não se desleixa a exprimi-lo em repentes. Vinga-se do mal analisando-o em si e quando vem a *contá-lo*, sem lhe perder a acuidade no retrato, e comprazendo-se em retalhá-lo ao bisturi, o acrescenta das reflexões sugeridas, em leve ironia de filósofo.

O seu espírito de nervosa ansiedade vai assim peregrinando e percorrendo

«por caminho tam árduo, longo, & vário»

confortando a inteligência na inteligência do próprio sofrimento.

\*

O escritor — *César de Frias* —, a quem já muito sinceramente rendi a minha obscura admiração e mais uma vez agradeço imerecidas provas de gentileza e bizarra deferência, sôbre reafirmar, nos passos da sua vida literária, o pitoresco e larga variedade, com bastante fôrça descritiva, da linguagem, a observação intensa de costumes e de almas (mesmo as que arrastam sua agonia enfronhadas na máscara e na tragédia muda, íntima) a disciplina de composição e identidade de gôsto, aparece-nos irrequeto de actividade, não deixando espaçar os seus trabalhos. E destes são — *As Grandes Nupcias* —, um romance, certamente dos mais dignos de louvor por vir abordar um género difícil, em manifesta decadência entre nós — lívido, na substituição dos motivos escolhidos pelo picante immoral na miséria doirada de certos meios, absurdo na linguagem —, e ainda por acentuar os seus já revelados méritos e trazer a lume outros novos e não menores. Tenho de confessar, para honra do nosso bom nome, que, emparceirando convicto nos justos elogios que a sua obra despertou e sentindo bem a dura subida que teve a vencer, querendo mesmo notar que se avantajou conio escritor, este livro não consegue ajustar-se à minha simpatia. Vasqueja no coração, insôlitamente, aquela rude, impetuosa, tresvaliada *cinematografia* de casos de insolente perfidia e fatalismo desgraçoso que dão e espertam o desejo, ruím por certo, de chamar-lhe uma obra de maldade. E tanto mais quanto é assim lançada sôbre quem anda poleado por tantos quadros à *La garçonne*. Ficou-me a impressão de terem sido aquelas páginas febrilmente, sem pausa nem desvio, escritas no a-correr de um hausto de alucinação e raiva, justíssima, à pequenez doble deste mundozinho de cocaína e futurismo. Porque ouço as suas próprias palavras de revolta e vejo suas mãos erguidas em imprecação, retalhando, batendo, esgrimindo em tôdas as figuras da acção.

\*

Sinto-me tristemente desprovido de recursos querendo apender a minha veemente admiração à justíssima fama entretecida a volta deste elegante e comovido livro de *Trindade Coelho*, vai em meses já publicado — *Prosas e Versos de Belchior da Nobrega* —.

As mãos de carinho que o procuraram, abriram e folhearam atenta, recolhidamente; o pulsar de simpatia com que a sua fina airocidade nos acalenta, como a um velho canto de jardim, à sombra de árvores centenárias e musgosas, numa estria de loiro sol, a voltigem inquieta e murmura dos perfumes e das asas namoradas; a beatitude humana, que nos vinha envolvendo, cativos do sorrir de espírito em que se aprazia — ancestralizando as suas próprias ternuras e devoções, comentando, adentro em si, o heróico, superticioso, apaixonado e aventureiro enobrecer da raça — uma inteligência de nobre cultura: com natural instinto de gratidão queriam, dirigiam-se a abraçar, estreitavam quem, neste largo deserto de egoísmo raiado de sangue, se alevanta ainda firme na tradição e puro no carácter, como a voz da grei.

Seria de condenar, fôsem outras as circunstâncias da sociedade portuguesa, com a dureza com que se profligam os estroinas, a intensa nevrose jornalística em que este moço, de uma linha moral infelizmente rara, transformando a amargura em simplicidade cristã, o desengano fatal de cada dia em novos motivos de fé, a indignação, tantas vezes bem marcada de amor patriótico, em doutrinarismo salvador, como se nêle falasse, com a alma da raça, a nobre sabedoria dos velhos, vem espalhando e perdendo por aqui e além qualidades que o destinavam aos grandes trabalhos literários. Pior seria deixar a honra lusa ao azêdo comentário dos factos, como se todo o nosso povo, tam resignado, massa obscura que lentamente se move no afan do trabalho e se afirma na suavidade do lirismo, fôsse dêles o responsável e não a vítima, o inocente crucificado. ? Há tortura moral que supere a daqueles que assim o compreendem e sentem?

O ilustre Dr. *António Ferreira*, em artigo publi-

cado n'O *Commercio do Porto*, escreve com justeza: «Há neste livro, observado agora sob o ponto de vista da psicologia do seu autor, ou como documento de uma cerebração, três aspectos distintos que se adivinham nos três curiosos olhares espirituais que elle subtilmente encerra: — o olhar de saudade para o passado de Portugal, através, como vimos, do estudo de uma familia cuja história o autor visiona, em sua miragem de sonhador, como que adormecido sob o alpendre do velho solar da Evocação; o olhar de enfado para o presente e de balanço à sua vida académica, onde uma educação errada o entoxicou nesse período sedimentar da sua formação intelectual; e o olhar de confiança num futuro de politica desanuviada e calma, dentro do seu caro país, e de elegância e distinção personalista para que naturalmente propende o seu temperamento *raffiné* e o seu iluminado espirito.»

Júlio Brandão, cuja sentença é digna do acatamento que inspira a sua obra literária e a sua probidade artistica, salienta, n'O *Primeiro de Janeiro*, numa daquelas suas crónicas que bem merecem o nome de verdadeiros estudos de critica, a limpida formosura do estilo, o conhecimento culto das curiosas épocas de história que rapidamente scentelham a nossos olhos com seus figurantes e comparsas, e declara certas páginas — como a da batalha de Alcácer, a coroação do tçar Alexandre, essa maravilha de sonho musical, perturbante e branda, a soluçar em êxtase, que é a Carta a Katienka Ivanovna... — dignas de antologia.

A primeira vez que, a uma meia luz esverdeada e iluminada de crisântemos brancos e vermelhos, li, vagoroso e deliciado, esta obra, notei que alguma coisa faltava, porém, ao meu encanto: e essa impressão, não me deixando viver inteiramente seduzido a beleza das páginas que ia uma a uma a esfolhar, feria-me de uma estranha, alucinada ansiedade. E só quasi ao terminar a tam breve jornada de arte, quando já a luz amarela da lâmpada mordida a penumbra veludosa e discreta, compassando alto:

«Só o meu espelho, êsse, não me ilude.  
Saber envelhecer! Triste virtude  
de quem, na vida, nunca amou ninguém!»

eu decifrei a misteriosa retenção. E' que eu ouvira Trindade Coelho. Faltava-me a música incomparável do seu dizer, a harmonia, o arrebatamento, a unção mística da sua voz, que, saudoso, evocava, mas não podia, nem sabia reproduzir. E como essa música jamais esquece, assim nas páginas do seu livro não murchará nem a elegância moral com que foram escritas, nem da sua prosa o que a distingue e sobreleva — a comoção espontânea e vibrante contida na sobriedade discreta dum aristocrata intelectual.

EDUARDO D'ALMEIDA.